

AS IDEIAS ILUMINADAS E POLIDAS SOBRE AS MULHERES NAS FILOSOFIAS BRITÂNICAS*

THE ENLIGHTENED AND POLISHED IDEAS ABOUT WOMEN IN BRITISH PHILOSOPHY

Mariana Dias Pinheiro Santos**

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consiste em investigar como a mulher é retratada e compreendida pelos filósofos das luzes da Grã-Bretanha nas três seguintes etapas: em primeiro lugar, através do papel que serviam para a justificação dos *gentlemen* a respeito da superioridade do estágio civilizatório polido que acreditavam se encontrar; em segundo lugar, por meio dos elementos que faziam com que os autores considerassem as mulheres como iguais (ou mesmo superiores em determinados domínios) aos homens; e, em terceiro e último lugar, através do tipo de emancipação que elas possivelmente encontraram em função dos escritos iluminados e das iniciativas práticas que algumas delas participaram. Para essa investigação, emprego os seguintes conceitos/ideias: *degradação* de Axel Honneth, *incoerência* de Mary Wollstonecraft, *hipocrisia* de Jenny Davidson e a ironia. Esses conceitos/ideias servirão como chaves interpretativas que serão capazes de avaliar os pontos de vista iluminados dos intelectuais letrados das luzes britânicas sobre as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: iluminismo britânico; filosofia moral; polidez; mulher.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate how women are portrayed and understood by the philosophers of the Enlightenment of Great Britain in the following three stages: firstly, through the role they served in the gentlemen's justification regarding the superiority of the polished civilizational stage that they believed they would meet; secondly, through the elements that made the authors consider women as equal (or even superior in certain areas) to men; and, thirdly and finally, through the type of emancipation that they possibly found as a result of the enlightened writings and practical initiatives that some of them participated in. For this investigation, I employ the following concepts/ideas: Axel Honneth's *degradation*, Mary Wollstonecraft's *incoherence*, Jenny Davidson's *hypocrisy* and irony. These concepts/ideas will serve as interpretative keys that will be able to evaluate the enlightened points of view of literate intellectuals of the British lights on women.

KEY-WORDS: british enlightenment; moral philosophy; politeness; woman

* Comunicação recebida em 09/07/2023 e aprovado para publicação em 13/11/2023.

** Mestranda em filosofia pela UFS. Dedicar-se à pesquisa sobre a linguagem na filosofia de Hobbes e sobre o ideal de polidez na filosofia das luzes da Grã-Bretanha. Email: marianadps4ntos@gmail.com.

A reserva que as leis da sociedade impõem ao belo sexo, levando em conta sua fragilidade, apresenta-o como peculiarmente sofredor, e, por isso mesmo, mais profundamente interessante.
(Adam Smith, 2015, p. 37)

Na era das luzes britânicas, os cavalheiros intelectuais e eruditos frequentemente destacavam como o seu povo e a sua era se encontrariam elevados quando postos diante da “barbaridade” passada e dos povos que habitavam as terras do outro lado do Atlântico. Se, em outras épocas, os cortesãos depositaram sua honra na militariedade, na beleza, nos duelos e em tentativas de contenção de paixões socialmente danosas; e os cavaleiros, por sua vez, confiavam em seus títulos e em muito dependiam de uma prontidão corajosa para a guerra¹; os povos polidos, apesar de terem herdado tais condutas, certamente não se contaminaram com elas. Ora, os *gentlemen* intelectuais e letrados destacavam-se, segundo eles mesmos, pela sua sensibilidade, pela preocupação em aflorar paixões sociáveis², e, claro, trocavam títulos de honra pelo mérito conquistado.

Entretanto, havia, ainda, algo de bastante singular capaz de provar, para os senhores da república das letras, a superioridade da era das luzes em relação a qualquer outro povo: o honroso e generoso lugar que os *gentlemen* reconheciam para as suas mulheres. Para usar as palavras de John Gregory, trata-se de um ponto de vista honroso, no qual o *fair sex* é considerado “não como trabalhadoras domésticas, ou escravas de nossos prazeres, mas como nossas companheiras e iguais” (2022, p. 230); há uma preocupação, acima de tudo, como diz Hume, para que nenhum dos sexos pretenda a “autoridade”, mas que sejam “conduzido[s] com perfeita igualdade, como dois membros iguais do mesmo corpo” (2011, p. 245).

Na medida em que uma boa parcela desses nobres senhores consideravam que “Pode-se descobrir os costumes de uma nação a partir do papel que suas mulheres ocupam”³ (Kames, 2007, p. 227), a primeira impressão deixada, por citações como as que fiz acima, é a de que a era das luzes emancipou suas mulheres e as tratava com paridade moral e política, afinal, *igualdade* é o termo chave de ambas as citações quanto se trata da generosa preocupação dos *gentlemen* com suas damas. A ascensão das mulheres dentro da era da sensibilidade e da polidez, no entanto, não para por aí: sua elevação social e moral é tamanha, bem como suas

¹ Para maior aprofundamento sobre os pontos da cavalaria e da cortesia que foram apropriados no debate sobre polidez britânica, conferir Santos (2023, no prelo).

² Para maior aprofundamento sobre a preocupação dos dezoitistas em aflorar paixões sociáveis, conferir Schmitter (2013) e Taylor (2005).

³ Traduções de textos citados originalmente em inglês são minhas.

“virtudes naturais” são tão honrosas, que os cavalheiros frequentemente admitem que têm muito a aprender com elas no que diz respeito às paixões, indicando a companhia dessas gentis senhoras para uma boa educação polida dos homens.

Addison, Hume, Gregory, Chesterfield, Kames e Mandeville certamente não deixariam de concordar com isso. Mas chama bastante atenção, nesse cenário de perfeita igualdade apregoadado por esses *gentlemen*, que a era das luzes contasse com tantas reivindicações e manifestos escritos por mulheres⁴ que afirmavam não viver o que as gentis palavras desses senhores proferiram.

Para ficar em apenas dois exemplos, Mary Astell, em 1694, publicava *A serious proposal to the Ladies*, no qual evidenciava que a erudição e a intelectualidade feminina não se encontravam em desacordo com os desígnios divinos, destacando que não é suficiente que as mulheres sejam tomadas elogiosamente como os “gloriosos exemplos deles [dos cavalheiros]” (2017, p. 5) se não encontrarem algum tipo de liberdade e igualdade. Já em 1735, Sarah Chapone publicou anonimamente o seu *The Hardships of the English Laws in Relation to Wives*, no qual afirma que as mulheres são reduzidas a escravas por conta da opressão masculina, seja enquanto viúvas ou casadas, na medida em que não poderiam ter domínio de suas finanças, de suas terras ou mesmo de seus filhos. Diante desse cenário, não é de se espantar que no fim do século XVIII, em 1792, na *Vindication of the Rights of Woman*, Mary Wollstonecraft afirmasse que tais cavalheiros defensores da sensibilidade, e que acreditavam estar em um estado civilizatório mais elevado (por conta, em parte, do que concediam às mulheres), eram, na verdade “Seres débeis e artificiais, criados acima dos desejos e afetos comuns”, que debilitavam “os próprios fundamentos da virtude e propaga[va]m corrupção por toda a sociedade” (2016, p. 27).

Sendo assim, o que pretendo observar a seguir é como a polidez influenciou o tratamento das mulheres, sem perder de vista o conceito de “feminização dos costumes” inaugurado por Clery em 2004⁵. Já adianto que, ainda que seja possível propor que a cultura da polidez contribuiu, de certa forma, para a emancipação feminina, na medida em que ela poderia fazer uso desse ideal para reprimir judicialmente o comportamento agressor de homens – como destaca Foyster (2002) –, e que elas poderiam participar de certo *commerce* e desfrutar de certo

⁴ Para maior aprofundamento, conferir Green (2014).

⁵ Esse conceito opera como um instrumento para compreender como ocorre, na era das luzes britânicas, a incorporação de modos tomados como naturalmente femininos, mas em uma medida considerada adequada para a masculinidade sem que se recaia na temida efeminação.

*luxury*⁶; não posso ignorar as denúncias que Astell, Chapone e Wollstonecraft fazem, que são bastante opostas ao *ponto de vista honroso* e à *igualdade* em que supostamente são colocadas, bem como as observações das intérpretes que vêm se estabelecendo desde o começo deste século, que buscam compreender o papel das mulheres da era das luzes britânicas – como Clery (2004), Sebastiani (2013), Moran (2005), Taylor (2005), Green (2014), Davidson (2004) e Pollock (2007).

Exposto isso, o objetivo desta pesquisa consiste em apresentar de que maneira a “feminização dos costumes” atuou na cultura polida, com foco nas consequências sofridas pelas mulheres que viveram na era das luzes britânicas. Para isso, divido este artigo em três partes: I - busco apresentar como os cavalheiros defendiam a superioridade das nações polidas a partir da maneira que consideravam suas mulheres; II - procuro compreender quais elementos os intelectuais da república das letras destacavam nas mulheres para considerá-las iguais ou superiores em alguns aspectos; por fim, III - investigo quais elementos contextuais e quais argumentos dos cavalheiros podem ter contribuído para uma pequena emancipação feminina na era das luzes britânicas e como os *gentlemen*, no geral, contribuíram para o avançamento da luta por reconhecimento feminina.

O POLIMENTO DA SOCIEDADE

Uma das provas da superioridade das nações polidas em relação às outras, para os cavalheiros intelectuais da época, certamente era o papel que atribuíam às suas mulheres: esse certamente era um dos marcos civilizatórios da cultura polida. Tanto Hume – no ensaio sobre a *Poligamia e divórcios* – quanto Kames – nas *Sketches V e VI* – observam o estágio de barbaridade que foi imposto às mulheres quando viviam em um estado incivilizado. Conforme este último, “Um grau de grosseria e indelicadeza está ligado a maneiras rudes. As maneiras dos gregos [...] eram extremamente grosseiras; como se pode esperar de um povo que vive entre seus escravos, sem qualquer sociedade com mulheres virtuosas” (2007, p. 374).

Ainda para Kames, em estados com tais maneiras, suas mulheres são “tratadas como escravas” (2007, p. 227), o que sugere surgir da poligamia, que, no lugar de considerar as mulheres como iguais, rebaixa-as à inferioridade. Além disso, como bem lembra esse autor, onde a poligamia rege as relações entre os sexos, algumas noções polidas são ignoradas. Em

⁶ Para maior aprofundamento sobre como a querela do luxo e como a noção de *commerce* se associam ao guarda-chuva “polidez”, conferir Santos, 2022.

primeiro lugar, o filósofo observa que todo homem deve ser confinado a uma mulher, de modo que a igualdade entre os homens seria abandonada na poligamia, afinal “nenhum homem tem direito a mais de um, até que todos os outros estejam em pé de igualdade com ele” (2007, p. 266). Em segundo lugar, em estados como esses, a mulher é rebaixada a viver como serva do marido, não passando de um “mero instrumento de prazer e propagação” (2007, p. 267). Em terceiro lugar, as senhoras tornam-se meras mercadorias, como “um boi ou uma ovelha” (2007, p. 272) – que, vale a pena lembrar, se “avariadas” podem ser devolvidas aos pais de quem foram comprada.

No que diz respeito a David Hume, no ensaio *Poligamia e Divórcios*, o autor destaca como a poligamia, apesar de poder objetar que consiste no “único expediente para libertar os homens da escravidão às mulheres” (2011, p. 149), observa como se trata de relações que são inseparáveis da barbaridade. Como exemplo, o filósofo escocês afirma que “Noutros países em que a poligamia também é permitida, alijam-se as mulheres, inutilizando-lhes os pés a fim de confiná-las às próprias moradias” (2011, p. 151). Além disso, Hume se questiona se os divórcios que eram costume – segundo ele – entre gregos e romanos deveriam ser permitidos em sua era. Quanto a isso, afirma que, apesar de poder se objetar que “o coração do homem se deleita na liberdade”, não se pode deixar de afirmar que: primeiro, as crianças que são frutos desses relacionamentos seriam entregues aos cuidados de quem não possui um verdadeiro amor por elas; segundo, o coração humano abandona inclinações inalcançáveis de qualquer liberdade irrestrita e, além disso, a amizade e amabilidade entre os sexos, quando construídas sobre bases sólidas faz com que não se receie “apertar ao máximo o nó do casamento” (2011, p. 154); e, terceiro, conforme o antepenúltimo parágrafo desse ensaio, as uniões devem ser completas, sem divisão de interesses, pois “A esposa, insegura de seu sustento, leva adiante um fim ou projeto separado; e o egoísmo do marido, aliado ao seu maior poder, pode ser ainda mais perigoso” (2011, p. 155).

Ou seja, o que os exemplos de Hume e Kames são capazes de provar é que a escravização das mulheres, as brutalidades provocadas contra seus corpos e o seu rebaixamento a mercadorias são exemplos de barbaridades⁷ que jamais seriam cometidas contra elas na era das luzes, principalmente em se tratando dos cavalheiros da república das letras. Afinal, como afirma Hume:

⁷ Algo que Ferguson parece demonstrar concordância na medida em que, para ele “Em épocas mais primitivas, as mulheres e os escravos haviam sido postos à parte para fins de trabalho doméstico ou físico” de modo que “A honra de metade da espécie era sacrificada à da outra” (2019, p. 261).

Pode-se [...] insistir ainda com mais razão que a soberania masculina é uma verdadeira usurpação, que destrói a proximidade, para não dizer a igualdade de condição que a natureza estabeleceu entre os sexos. Somos por natureza seus amantes, amigos e protetores: aceitaríamos de bom grado trocar tão carinhosas designações pelo bárbaro título de mestre e tirano? Em qual de nossas capacidades seríamos favorecidos por conduta tão desumana? (Hume, 2011, p. 149).

Ainda que Hume admita, no antepenúltimo parágrafo desse mesmo ensaio, que o homem possui maior poder, chama bastante atenção a importância que tanto ele quanto Kames oferecem à igualdade no que diz respeito às relações entre os sexos. Por isso, talvez, seja possível observar neles e em seus contemporâneos (como é o caso de Ferguson, Addison) uma restrição às relações amorosas estabelecidas pela cavalaria, já que nela a mulher era elevada sobre o homem, e o estado de igualdade, idealizado pelos dezoitistas, não seria concretizado.

Como bem representa Kames, o maior problema da galanteria cavaleiresca é que ela “inverte a ordem da natureza, elevando as mulheres muito acima dos homens” de modo que se produz “uma espécie de galanteio artificial, que foi levado à extravagância: a linguagem da devoção tornou-se a do amor, e tudo era bombástico e antinatural” (2007, p. 298). Argumentos semelhantes podem ser encontrados no número 99º do *Spectator* de Addison, no *Ensaio histórico sobre a cavalaria e a honra dos modernos* ou em *Do surgimento e progresso das ciências e das artes* de Hume, na parte 2.3.3 do *Soliloquy* de Shaftesbury e na parte IV da seção IV do *Ensaio sobre a história da sociedade civil de Ferguson*. Mas, para além do fato de todos esses autores, nos textos que indiquei, reconhecerem a cavalaria como uma expressão extravagante do amor dos homens pelas mulheres, de modo a elevá-las para além do lugar que acreditam lhes ser devido, também a reconhecem como um importante marco civilizatório que permitiu, após adequações, a construção do estágio polido em que se encontram em função da galanteria moderna. Quanto a isso, Ferguson representa bem o papel da cavalaria para a construção do refinamento britânico:

A questão de honra, **a prevalência do galanteio em nossa conversação** e em nossos teatros, muitas das opiniões que o vulgo aplica às condutas de guerra [...] tudo isso, sem dúvida, são vestígios desse sistema antiquado. E é provável que a união entre a **cavalaria e o nosso gênio político tenha sugerido as peculiaridades presentes nas leis das nações que distinguem os Estados modernos dos antigos**. Se os graus de polidez e civilização forem medidos por essa conjunção ou pelo avanço das artes comerciais, **pode-se dizer que ultrapassamos em muito as célebres nações da Antiguidade** (Ferguson, 2019, p. 283, grifos nossos).

É justamente em oposição à cavalaria e à incivilidade que os *gentlemen* acreditam se destacar, no que diz respeito à polidez e ao trato com suas mulheres, aos seus antepassados e

de povos bárbaros, afinal, como bem resume Adam Smith “A fraqueza do amor, que tanto se tolera nas épocas de humanidade e polidez, é vista entre os selvagens como a mais imperdoável efeminação” (2015, p. 254). Como bem lembra Astell, as gentis senhoras acabaram se tornando os “gloriosos exemplos deles” (2017, p. 5) – e acrescento: de suas superioridades enquanto nação polida.

É verdade que, entre os intelectuais da república das letras, não encontrei em Shaftesbury afirmações, como as de outros autores do XVIII, que elevam as mulheres à igualdade entre os sexos, ou mesmo as considerem como superiores em determinados aspectos. Apesar de este filósofo reconhecer a relevância feminina para a galanteria em seu *Soliloquy* (2.3.3), e no fato de sua *Inquiry concerning virtue or merit* (2.2.2) lembrar aos cavalheiros da importância do *commerce* com as mulheres – estando, até aí em bastante acordo com seus contemporâneos – apesar disso, eu dizia, o autor afirma (2.1.1.) que os excessos, especialmente no que diz respeito aos sentidos, são mais comuns nas damas do que nos cavalheiros, tomando como exemplo as prostitutas. Além disso, em seu *Sensus communis*, para destacar o ponto de honra dos homens (a coragem), lembra que a fúria ou a raiva não podem “ser atribuídas à conta da Coragem. Se fosse de outra forma, a mulher poderia reivindicar ser o sexo mais forte: pois seu ódio e raiva sempre foram [...] os mais fortes e duradouros” (Shaftesbury, 2000, p. 119).

Com ocorrências como estas, me parece bastante conflituoso defender que este autor concordaria com um estado de igualdade entre os sexos como seus contemporâneos, em suas respectivas obras, afirmaram existir ou mesmo defenderam que existisse. E, se é assim, já nos encontramos um pouco prevenidos quanto a alguns tipos de conflitos que se pode encontrar nas obras dos *gentlemen* do XVIII. Afinal, caso algum dos autores defenda a igualdade, por um lado, mas utilize uma argumentação semelhante à de Shaftesbury, por outro, saberemos que certamente não se trata de uma verdadeira defesa da igualdade entre os sexos. Mas, exposto isso, vejamos, então, como se constitui esse estado de igualdade (ou mesmo de determinadas soberanias femininas) nas luzes britânicas.

O PONTO DE VISTA HONROSO

Addison, no número 128º do *Spectator*, ao tratar da relação dos homens com as mulheres, afirma que os sexos foram feitos, pela natureza, como contrapartes um do outro, de modo que seus deveres são recíprocos, ainda que tenham inclinações diferentes. Sendo assim, para o autor, quanto os sexos “são corretamente temperados, o cuidado e a alegria andam de

mãos dadas” (Addison, 2004, nº 128)⁸. A contraparte feminina, nesse sentido, é definida por Addison como mais bem humorada, alegre, com um humor “leve e volátil que lhes é natural” (Addison, 2004, nº 128), que seria útil para aliviar as dores e as ansiedades de seu marido, animando seu companheiro, inclusive, para o bem estar familiar e cuidado com os filhos – ponto desenvolvido de maneira praticamente idêntica no livro III de *The economy of human life*⁹ de Chesterfield. Nesses aspectos, as mulheres se elevariam, para o autor do *Spectator*, diante dos homens. Na medida em que “a vivacidade é o dom das mulheres, a gravidade é o dos homens”, e as gentis senhoras gostariam – muito mais do que serem contrabalanceadas – “que o amante fosse uma mulher em tudo, exceto no sexo” (Addison, 2004, nº 128); cabe à contraparte masculina, para Addison, apenas moderar e estimular sua esposa de modo que ela não se torne uma *coquette* e não recaia em uma galanteria irrefletida.

Sendo assim, a paridade que os sexos teriam, para Addison, estaria localizada no complemento que um sexo deve fazer ao outro, ainda que, é verdade, o homem tenha a função de moderar as mulheres, e o caráter feminino esteja localizado em seu bom humor e volaticidade. Este ponto evoca a *Comparative View of the State and Faculties of Man* (1765) do filósofo John Gregory, na qual o autor busca fundamentar a sua teoria segundo a qual as mulheres seriam superiores ao homem em suas disposições sociáveis, de modo a se tornarem os verdadeiros exemplos a serem seguidos. A argumentação de Gregory é, até certo ponto, semelhante à de Addison, já que elas seriam responsáveis por educar e polir certas disposições masculinas. O autor, nesta obra de 1765, acreditava que a forma mais adequada de sociabilidade seria posta em marcha com muito mais precisão pelas mulheres do que pelos homens, por aquelas estarem mais naturalmente dispostas à religiosidade e à delicadeza do que os últimos – que, inclusive, passariam a poder ser educados pelo exemplo feminino¹⁰.

Gregory, assim como Addison, muito se destacou nos meios de debates polidos, e sua *Comparative View* serviria de base para a doutrina que ensina em *Legado de um pai para suas filhas*; nesse sentido, destaco que o autor afirma observar o sexo feminino a partir de um “honroso ponto de vista”, isto é: “não como trabalhadoras domésticas, ou escravas de nossos prazeres, mas como nossas companheiras e **iguais**; como designadas para suavizar nossos corações e polir nossas maneiras” (Gregory, 2022, p. 230, grifo meu) – o que parece consistir em certo

⁸ A edição utilizada não possui paginação.

⁹ Na tradução para o português de Marilise Bertin “Regras para bem viver”.

¹⁰ Para maior aprofundamento sobre o papel de Gregory na polidez e na educação moral das luzes britânicas, conferir Santos (2022a e 2021b).

entendimento de igualdade bastante peculiar. Chama, até aqui, bastante atenção que, apesar de ambos os autores destacarem que as mulheres são superiores em algumas disposições – como as sociáveis –, ou, ainda, que são consideradas de um ponto de vista igualitário, eles não deixam de notar a necessidade, por parte do homem, de moderá-las em suas extravagâncias: este, inclusive é o papel que o *Legado* assume não apenas às damas a quem foi destinado, mas às mulheres européias como um todo a partir de 1774, já que o manual de maneiras de Gregory tornou-se uma obra bastante indicada para as damas polidas até o século XIX. Nesta obra, para além de ensinar às mulheres que elas são observadas de um ponto de vista igualitário **por** serem destinadas a polir o homem, Gregory ensina a moderação [como Addison propõe ser o desígnio da contraparte masculina] para as senhoras em tópicos que dizem respeito a: diversão, danças, modo de se alimentar, livros que devem ler, comportamentos diante de homens *etc.* para que possam melhor atingir seus fins igualitários – termo empregado por Gregory e seus contemporâneos de maneira bastante peculiar quando se trata das mulheres – de polir os corações masculinos.

Ainda no intuito de reconhecer certa superioridade feminina em determinados domínios, David Hume certamente não deve ser esquecido, inclusive por sua relevância na literatura nacional a respeito das considerações interpretativas acerca de certos traços que, neste ponto, distinguiriam o autor de seus contemporâneos. Especialmente Lívia Guimarães destaca na introdução de *The Gallant and the Philosopher* que Hume “reconhece nas mulheres suas decisivas aliadas” (2011, p. 127), ainda que, neste ano (2023), tenha sido reconhecido por importantes intérpretes desse autor que suas concepções acerca das mulheres estaria, na verdade, até certo ponto, em acordo com as visões sexistas de seus contemporâneos e que, além disso, a forma com que o escocês se refere ao *fair sex* seria uma maneira de ele mesmo se mostrar como galanteador (Marcos Balieiro, 2023); ou, ainda, como recente e engenhosamente desobriu Alana Café (2023), que através da emulação, seria possível afirmar que o filósofo atribui naturezas distintas a cada sexo. É verdade que encontro-me bastante distante do grau de especialização desses intérpretes no que diz respeito a David Hume mas, ainda assim, gostaria de ousar trazer algumas observações sobre a relação desse filósofo escocês com algumas de suas observações sobre as mulheres.

Para além do que apresentei na primeira parte desta pesquisa, seguindo o ensaio sobre *Poligamia e divórcios*, no qual o filósofo fala em certa proximidade ou igualdade entre homens e mulheres (apesar de, em seguida, falar em maior poder dos homens), em *Da arte de escrever ensaios* Hume destaca que o “belo sexo [...] é soberano no império do convívio social” (2011,

p. 223). Isso, longe de delatar certa confusão que o escocês teria ao definir a relação que existe entre os sexos, na verdade se justificaria pois, para ele, as mulheres de senso e educação seriam as melhores juízas da polidez e da arte de escrever, de modo que apenas os tolos se valeriam do título de sexo forte para obter qualquer superioridade diante delas. Além disso, para esse britânico, os homens de senso teriam deferência para com “seus juízos a respeito dos livros **ao alcance de seu conhecimento**, e depositam mais confiança na delicadeza de seu gosto, ainda que este **não seja guiado por regras**, do que em todos os trabalhos grosseiros de pedantes e comentadores” (2011, p. 224, grifos nossos).

A única restrição que Hume observa **nesse** ensaio no que diz respeito ao juízo feminino certamente não é pela sua falta de regras, ou pelo alcance do conhecimento das mulheres; mas diz respeito aos “livros de galanteio e de devoção, que elas geralmente ostentam como sendo os mais elevados, e muitas parecem se deleitar muito mais com o fervor do que com a justeza das paixões”, pois, conforme afirma “a disposição do belo sexo é em grande parte terna e amorosa, isso perverte seu juízo em tais ocasiões fazendo-as ser facilmente afetadas mesmo por algo que não tem de expressão, nem de natureza de sentimento” (2011, p. 224). Quanto a este ponto, a passionalidade das mulheres diante de romances, Hume não se encontra isolado de seus contemporâneos iluminados. Afirmações semelhantes acerca dos males que livros desse gênero podem fazer às disposições femininas são encontradas no *Legado* de Gregory, e Addison, no número 99º do *Spectator*, relata que em livros de cavalaria noções como ponto de honra são elevados à loucura. Observações como essas parecem sugerir que as mulheres teriam a disposição de recair em modos incivilizados que as colocariam em um ponto mais elevado, antinatural e bárbaro. De modo que, talvez, se possa sugerir que as mulheres teriam certa tendência à incivilidade. Daí talvez surja a preocupação de Addison em contrabalançar tais disposições femininas, de Gregory (no *Legado*) em indicar somente a leitura da Bíblia para as damas e de Hume, em *Do estudo da história*, instruir a leitura de livros de história para que as senhoras pudessem reconhecer que “o amor não é a única paixão que governa o mundo masculino” (2011, p. 249) – chamando atenção, é verdade, que nenhum deles indiquem livros de filosofia.¹¹

¹¹ No que diz respeito à educação feminina, vale o destaque dado por Adam Smith (2015) aos males que, segundo acha, os internatos e os conventos podem fazer às jovens damas podem promover à moral e felicidade doméstica, já que, para o autor, a bondade e a afetuosidade deveriam ser ensinadas dentro de casa. Desse modo, apenas as filósofas – como é o caso de Astell e Wollstonecraft – indicam para suas iguais que se eduquem através de livros de filosofia. Há, ainda, certas distinções na educação moral de cada sexo e em certas finalidades educativas das artes segundo os *gentlemen* do XVIII, para maior aprofundamento nesses temas conferir Santos 2021a e 2021b.

No que tange à soberania feminina na arte do convívio social, Hume, mais uma vez, não se distingue de seus contemporâneos, afinal, é isso que Addison sugere no número 128º do *Spectator*, Gregory afirma em seu *Legado*, Chesterfield instrui a seu filho na Carta VII de *Letters to his son*, Mandeville sugere na *Investigação sobre a natureza da sociedade* e Kames afirma no *Sketch VI*. Além disso, o que a maior parte desses autores concorda, ainda sobre esse aspecto, é sobre o papel da mulher de educar ou aflorar certas disposições dos homens – e aqui encontramos o maior traço da feminização dos costumes masculinos.

De volta a Hume em seu *Da arte de escrever ensaio*, o filósofo propõe que, para que “possam encontrar mais **condescendência** de seus admiradores usuais do que de homens de letras” (2011, p. 225, grifo meu), as mulheres deveriam corrigir o gosto particular por livros de galanteio e devoção, bem como se acostumarem um pouco mais aos livros, encorajarem os homens de senso e conhecimento a frequentá-las e “participarem de coração na liga [...] entre o mundo das letras e o mundo do convívio social” (2011, p. 225). Para além do fato de, neste ensaio, Hume destacar que as mulheres encontrariam *condescendência*, e não falar de *igualdade* ou *proximidade* (como no ensaio *Poligamia e divórcios*), e de abandonar o termo *soberana* anteriormente empregado, gostaria de retornar à pergunta que o escocês faz neste último texto. Os homens são “por natureza seus amantes, amigos e protetores: aceitaríamos de bom grado trocar tão carinhosas designações pelo bárbaro título de mestre e tirano? Em qual de nossas capacidades seríamos favorecidos por conduta tão desumana?” (Hume, 2011, p. 149).

Apesar de, diante das observações sexistas que Hume faz e eu trouxe aqui (como afirmar que as mulheres teriam disposições para a ternura e o amor, que as fariam mais passionais diante de livros de devoção; ou que ora seriam soberanas e ora encontrariam condescendência caso se esforçassem); ou, ainda, do fato de o escocês atribuir (em *Do estudo da história*) à mulher um apetite pelo falso e, além disso, sentir-se à vontade para mentir para a dama pela qual estava apaixonado sobre o tipo de livro que enviava para ela ler, “assegurando-lhe” que “nenhuma palavra ali era verdadeira” (Hume, 2011, p. 249), sob o pretexto de fazer-lhe um bem para a boa educação, – já que abastecendo a mente da senhora “sua conversa propicia entretenimento para homens de senso e reflexão” (Hume, 2011, p. 251); ou mesmo que afirme que se, por um lado, a **autoridade** masculina entre os bárbaros era demonstrada “submetendo suas mulheres à mais abjeta escravidão, confinando-as, espancando-as, vendendo-as, matando-as” (Hume, 2011, p. 102), por outro lado, em um povo polido “o sexo masculino revela sua **autoridade** de uma maneira mais generosa, embora não menos evidente, pela civilidade, respeito e aquiescência ou, numa palavra, pelo galanteio” (Hume, 2011, p. 102,

grifo meu); ou, ainda, que os autores que antecederam e são contemporâneos ao escocês na era das luzes – assim como ele – destacassem as diferenças entre os sexos por uma via bastante sexista sob o véu de um entendimento peculiar de igualdade. Apesar, eu dizia, de essas observações serem suficientes para justificar a esse intelectual da república das letras por quais razões ele e seus pares poderiam ser designados como mestres ou tiranos, acredito que o ensaio sobre *Amor e casamento* possa responder melhor ao seu questionamento, na medida em que revela sua – ainda maior – insensibilidade diante das mulheres, como mostrarei a seguir.

A ATENÇÃO GENEROSA

É auto-evidente que a designação dos elementos que trouxe nas duas partes anteriores, acerca do que intelectuais letrados das luzes britânicas afirmavam sobre as mulheres, é, para usar a terminologia de Wollstonecraft – ao se referir às doutrinas morais de Gregory e Chesterfield, por exemplo – no mínimo *incoerente*. Ora, tais *gentlemen* defendem igualdade e/ou superioridade feminina em determinadas disposições ou domínios de um lado; e superioridade masculina, disposições distintas, afetação e apetite pelo falso da parte das mulheres, bem como a necessidade de moderá-las, de outro lado. Isso não pode consistir em outra coisa que não seja *incoerência*.

Talvez um maior exemplo da inconstância e incoerência masculina, ao se referir ao *fair sex*, possa ser encontrado a partir de Chesterfield e em suas maneiras camaleônicas¹². Se, por um lado, em *The Economy of Human Life*¹³ (II, V) o autor adverte que o desejo, as seduções da libertinagem e a excessividade dos prazeres devem ser derrotados em nome de livrar os homens da ruína, lembrando que “quando a virtude e a modéstia iluminarem os fascínios da vida, o brilho de uma bela mulher será mais intenso do que as estrelas no céu e será impossível resistir ao poder que ela exercerá [...] a simplicidade e a verdade habitam seu coração” de maneira que “a pureza de sua chama enobrece teu coração e ele receberá com mais brandura as mais belas impressões” (Chesterfield, 2012, p. 68). Por outro lado, ele se mostra bastante *incoerente* nas cartas privadas que escreve para seu filho, quando afirma que não há razões, diante da arte da galanteria, de se pagar prostitutas na França, já que esta arte seria constitutiva das mulheres polidas da moda na região (Carta CXV), ou, ainda, que apesar de a mulher possuir

¹² Para o autor, conforme Carta LIV, trata-se de adequar o discurso à pessoa com quem se conversa.

¹³ Um pequeno tratado de educação que o moralista publica anonimamente em 1748. Para maior aprofundamento acerca da autoria dessa obra e sobre as condições em que foi publicada, conferir Gutierre (2012).

apenas o atributo da beleza, deve ser “lisonjeada pela sua compreensão; a qual, embora possivelmente não duvide de si mesma, ainda assim, suspeita que os homens possam desconfiar. (Chesterfield 2016, Carta XVII)”.¹⁴

Vale o destaque, além disso, para o próprio cenário de *incoerência* em que as *Letters* de Chesterfield foram recebidas na Grã-Bretanha: de um lado, a mulher “escondida” (Eugenia Stanhope) do Lord – um homem considerado e estimado como diplomata, cavalheiro e polido –, após a morte do irlandês e a descoberta de que ele não lhe deixou nenhum tipo de quantia, considerou necessário providenciar seu próprio sustento através da publicação das referidas cartas que o lorde enviou ao seu filho ilegítimo: o que gerou à senhora quinhentos guinéus e a perseguição por não ter suprimido partes consideradas pouco polidas (Santos, 2021). De outro lado, é *incoerente* que após publicadas em 1786 pelo reverendo Trusler ao lado do *Legado* de Gregory, sob o título de *Principles of politeness, and of knowing the world*, este livro tornou-se um best-seller de boas maneiras direcionado para jovens damas e cavalheiros (Santos, 2021).

Bem, caso a *incoerência* ainda não esteja auto-evidente nas descrições que trouxe ao longo desta pesquisa, vale a pena evocar a ideia de *hipocrisia* proposta por Davidson:

Muitas defesas da hipocrisia começam por lhe dar um apelido atraente: modos, civilidade, decoro, autocontrole, polidez. Defender a hipocrisia sob o seu próprio nome significa quebrar um tabu, e um forte incentivo é necessário para arriscar a indignação que uma tal defesa provavelmente provocará (Davidson, 2004, p. 6).

Ora, caso se siga a intérprete (2004) e se aplique o conceito de *hipocrisia*, que ela inaugura, como uma chave interpretativa para avaliar os autores da república das letras, nenhum dos cavalheiros das luzes britânicas seriam capazes de escapar do espectro da *hipocrisia* ao elaborarem seus argumentos – e mesmo supostas defesas – sobre as mulheres.

Expostos tais elementos, voltemos ao caso de Hume e de sua profunda insensibilidade perante as mulheres no ensaio sobre *Amor e casamento*. No terceiro parágrafo deste ensaio, Hume afirma, em uma profunda demonstração de *gaslighting*, que a principal queixa dos *gentlemen* no que diz respeito ao casamento consiste no amor feminino pela dominação – mas, em sua generosidade afirma que se elas se dispuserem a concordar com esses nobres iluminados neste aspecto “todas as outras disputas serão fáceis de arranjar”. Se tais comentários podem se

¹⁴ Para tratamento aprofundado sobre a hipocrisia e os modos camaleônicos de Chesterfield, bem como sobre a educação polida destinada a cada sexo no XVIII britânico, conferir Santos (2021).

encaixar tanto no espectro da *hipocrisia* quanto no da incoerência, o filósofo galante se excede muito mais em seu *gaslighting* logo nas primeiras linhas desse mesmo ensaio:

Não sei de onde vem o pendor das mulheres para interpretar de maneira equivocada tudo o que se diz de depreciativo sobre o casamento, e que sempre considerem uma sátira do matrimônio como uma sátira de si mesmas. Pensam assim que são as principais interessadas na questão e que seriam as maiores prejudicadas, se a relutância em assumir essa condição prevalecesse no mundo? Ou estariam cientes de que os infortúnios e fracassos do casamento se devem mais a elas do que nós? Espero não tenham intenção de admitir nenhuma dessas duas coisas, nem tampouco de dar a seus adversários, os homens, a vantagem de suspeitarem disso (Hume, 2011, p. 243).

Antes de qualquer coisa, gostaria de justificar o uso do termo *gaslighting* ao me referir ao tratamento dado por Hume às mulheres para me prevenir de qualquer acusação de anacronismo. Aqui, apoio-me em Honneth em sua obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. No sexto capítulo desta obra (*Identidade pessoal e desrespeito: violação, privação de direito, degradação*), o autor preocupa-se em evidenciar os conceitos de desrespeito e de ofensa, evidenciando como podem ou não depender dos valores sociais do grupo que degrada um sujeito. Nesse sentido, destaco duas das degradações que o autor trabalha: a corporal e a moral. A primeira – que ocorre na medida “em que são tiradas violentamente de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre seu corpo” (Honneth, 2003, p. 215) –, que extrai do sujeito sua autonomia sobre seu corpo, bem como sua capacidade de interação corporal e psíquica. Já a segunda se dá, histórica e socialmente, pela negação de reconhecimento ao outro como merecedor de um tratamento igualitário. Esta tem como consequência, para o sujeito degradado moralmente, uma perda de possibilidade de se entender a si próprio como um ser estimado por suas propriedades e capacidades características” (Honneth, 2003, p. 218). Ora, na medida em que as mulheres que viveram sob a égide das luzes britânicas sofreram degradações corporais e morais por parte dos cavalheiros – dado que acreditavam ser superiores a elas, serem destinados a moderá-las física e intelectualmente – e dado que o *gaslighting* opera uma pressão psíquica e corporal sobre as mulheres através de distorções que favorecem o abusador, acredito que esse termo apenas é capaz de tipificar um determinado tipo de degeneração a um sujeito dentro das categorias elencadas por Honneth, de modo que, parece-me, não o emprego inadequadamente.

De volta a Hume, talvez, se as representações sexistas e as opressões que tanto o escocês quanto seus contemporâneos dezoitistas operam contra as mulheres, ou mesmo casos como os de Eugenia Stanhope não são capazes de saciar as perguntas de Hume, devemos nos

direcionar para algumas observações de dois de seus pares, cavalheiros, (Gregory e Mandeville) que talvez pudessem devolver o escocês à sua disposição de generosidade com o *fair sex*. No que diz respeito ao primeiro, em seu *Legado* – cuja relevância já comentei – ensina os valores da modéstia e do casamento para que possam viver mais confortavelmente na era das luzes – já que dependem disso para serem consideradas como “iguais”.

Nesse sentido, vale a pena o destaque para o ponto de honra feminino no século XVIII: a castidade – que andava de mãos dadas com a modéstia – que deveria ser guardada para o marido. Ora, para não me alongar, autores como Addison, no número 99º do *Spectator*, e Chesterfield, em *The Economy of Human Life*, atribuem esse aspecto como aquele capaz de tornar as mulheres mais amáveis aos olhos do sexo masculino. Ainda que Madeville¹⁵ reconheça que tais pontos – seja em sua *Fábula das Abelhas*, seja em sua *An Enquiry into the Origin of Honour* – são valores ensinados e artificializados nas mulheres, talvez por isso incorrendo em menos *hipocrisia* ou *incoerência* que seus contemporâneos, ainda assim os defende como importantes para a formação moral de uma nação polida na medida em que serviriam à necessidade da propagação humana. E no que diz respeito a Adam Smith, suas afirmações parecem representativas, para o século XVIII, quanto à castidade feminina:

Traição e falsidade são vícios tão perigosos, tão terríveis e, ao mesmo tempo, tão fácil e seguramente permitidos, que somos mais ciosos deles do que de quase todos os outros. Por conseguinte nossa imaginação associa a idéia de vergonha a todas as violações da confiança, em todas as circunstâncias e situações. Nesse aspecto, assemelham-se à violação de castidade no belo sexo, virtude da qual, por razões semelhantes, somos excessivamente ciosos: nossos sentimentos por uma não são mais delicados que por outra. A transgressão da castidade significa uma desonra irreparável. Nenhuma circunstância, nenhuma súplica, podem desculpar-la; nenhuma aflição, nenhum arrependimento, expiam-na. Somos tão escrupulosos nesse aspecto, que mesmo um estupro desonra, pois em nossa imaginação a inocência do espírito é incapaz de limpar a sujeira do corpo (Smith, 2015, p. 415).

Ora, tais asserções acerca da artificialização das mulheres através da educação que lhe é imposta – como destaca Mandeville e põe em prática Gregory¹⁶ – e do fato de que “um deslize na honra de uma mulher é irreparável” (Addison, 2004, nº 99), mesmo diante de um estupro (conforme Smtih), Hume parece-me ser bastante bem respondido por seus próprios pares. Desse

¹⁵ Mandeville, devo observar, parece-me se colocar com bastante distinção diante das filósofas e filósofos do século XVIII a despeito de não se engajar na luta por merecimento das mulheres. Isso pode ser observado na medida em que o filósofo em sua observação *C* desmoraliza e se sensibiliza com mulheres que abortam, ou, ainda, quando em *A Modest Defence of Public Stews* comenta sobre o clitóris e iguala o prazer feminino ao masculino. No entanto, quanto a esses aspectos e como a liberdade de Mandeville se coloca em relação à defesa da castidade de algumas autoras do XVIII, trabalharei em uma pesquisa futura.

¹⁶ Para maior aprofundamento conferir Santos (2021).

modo, ainda que as gentis senhoras possam ser decisivas aliadas de Hume, afirmar o inverso – dado o que expus até aqui – parece-me, no mínimo, conflituoso.

No entanto, para retomar Honneth em seu capítulo sobre *Identidade pessoal e desrespeito*, o autor desenvolve uma tese segundo a qual a experiência de desrespeito social pode motivar o sujeito, que não encontra realizações igualitárias, à reações emocionais negativas justamente por conta da lacuna psíquica da falta de reconhecimento que lhes é imposta; o que, no caso das violências sofridas pelas mulheres, típico como abuso. Por isso, talvez, as mulheres no XVIII sintam-se as principais vítimas quando se zomba do casamento, já que dependem dele para qualquer estabelecimento honroso e “igualitário” na era das luzes. Talvez, ainda por isso, tenham “disposição ao excesso das paixões como a fúria”, afinal como bem lembram Astell e Wollstonecraft, sequer lhes era dado o merecimento de uma educação equânime. Ademais, para Honneth, a experiência de desrespeito pode impulsionar a luta por reconhecimento, afinal, para o autor, além o sujeito necessitar de um reconhecimento intersubjetivo de suas realizações e capacidades, tais experiências são capazes de fazer com que notem que o desrespeito social que sofrem é injustificado.

Pode-se observar, é verdade, alguns poucos graus de emancipação feminina (inclusive porque essa emancipação tinha um recorte muito claro de raça e de classe) no dezoito britânico. Por um lado, seguindo o intérprete Styles (2003), que prova (através de registros históricos) como essa era promoveu uma maior participação das mulheres no *commerce* e na cultura de *luxury* na medida em que poderiam participar de feiras, promover encontros casuais entre amigos, e dispor de algum benefício financeiro que lhes permitia certo poder de compra – quando plebeias principalmente, já que damas casadas dependiam do rigor financeiro dos maridos. E, por outro lado, seguindo as evidências históricas que Elizabeth Foyster (2002) destaca como próprias dessa era, é possível notar que as manifestações de linguagem que não fossem polidas seriam menos facilmente ignoradas, na medida em que, por as mulheres serem as “embaixadoras das boas maneiras”, poderiam denunciar abusos físicos e morais que, agora, eram tratados como modos bárbaros e selvagens¹⁷. Isso, acredito, – a despeito do comentário de Adam Smith sobre o estupro – talvez encontre certo eco na afirmação de Kames segunda a qual “Nenhum cavalheiro deve tentar forçar um beijo, nem bater em uma mulher na assembléia, sob pena de exclusão” (2007, p. 231) ou na observação de Mandeville de que perseguir com os

¹⁷ Foyster (2002) afirma, além disso, que o número de homicídios de mulheres se mantém, na Grã-Bretanha, o mesmo desde o XVIII.

olhos uma mulher é inadequado para a civilização¹⁸, na medida em que notam a importunação ou a invasão do espaço das mulheres como impróprios para o *gentleman* e para a civilização.

Ainda seguindo Foyster (2002), espancar mulheres era algo que desviava bastante da cultura polida – como bem atesta Hume em seu ensaio *Do surgimento e progresso das artes e das ciências* – de modo que, mesmo que as mulheres passassem a usar panos para esconder agressões masculinas (o que a autora identifica como o equivalente dos óculos escuros em nossos tempos), quando removidos, eram provas da falta de refinamento masculina, o que fazia com que as queixas de abusos fossem levadas um pouco mais a sério do que nos séculos anteriores, pois, se isso não fosse feito seus modos refinados seriam tomados como hipócritas.

Nesse sentido, encaminhando-me para o final, cabe perguntar – mais uma vez amparando-me em Honneth – se as degradações, invisibilizações, abusos e opressões masculinas, apregoadas sob a vanglória (e aqui uso a acepção hobbesiana do termo¹⁹) de sua superioridade polida se refletir na suposta igualdade ou superioridade das mulheres, levaram os sujeitos degradados – as mulheres – a algum tipo de luta por reconhecimento que ocasionou algum grau de merecimento à intersubjetividade mais igualitária em seu contexto.

Ainda que os dois exemplos que dei acima, seguindo os fios condutores de Styles (2003) e Foyster (2002) sejam de fato notáveis para as conquistas das mulheres, tais efeitos parecem muito mais consequência das *incoerentes, hipócritas e degradantes* descrições que os homens faziam das mulheres e do tipo de natureza ou disposições que lhes impuseram. De modo que suas atenções generosas às mulheres impuseram-lhes um teto de vidro: por um lado, poderiam denunciar casos de falta de refinamento, sociabilidade e polidez, mas, por outro lado, estavam restritas a determinadas características que não poderiam ultrapassar. Afinal, como Kames comenta (*Sketch VI*), seria muito incômodo, para o casamento, que homens e mulheres pudessem disputar no mesmo nível de intelectualidade, e, por isso, o papel do homem é o da lei e o da mulher é o da conversa. Ou, como comenta Gregory, a espiritualidade é perigosa nas mulheres, de modo que deve “ser guardada com grande discricção e boa natureza, caso contrário, lhes resultará em muitos inimigos. A espírituosidade [*wit*] é perfeitamente consistente com

¹⁸ Conforme o autor, seguir “cerradamente uma mulher, fixando os olhos nos dela, é tido como muito grosseiro; a razão disso é manifesta, ela fica incomodada [...] a consequência disso seria chamá-lo de bruto; a mulher fugiria e ele próprio nunca mais seria admitido em qualquer companhia civilizada” (Mandeville, 2017, p. 79).

¹⁹ “A alegria proveniente da imaginação do próprio poder e capacidade é aquela exultação do espírito a que se chama glorificação. A qual, quando baseada na experiência de suas próprias ações anteriores, é o mesmo que a confiança. Mas quando se baseia na lisonja dos outros, ou é apenas suposta pelo próprio, para deleitar-se com suas conseqüências, chama-se vanglória. Nome muito apropriado, porque uma confiança bem fundada leva à eficiência; ao passo que a suposição do poder não leva ao mesmo resultado, e é portanto justamente chamada vã” (HOBBS, 1999, p. 61)

suavidade e delicadeza; todavia, raramente essas qualidades são encontradas unidas” (2022, p. 235). Sendo assim, quero notar, agora seguindo Karen Green (2014), a criação de certas mulheres do Círculo Bluestocking, que tinha como preocupação principal a educação das mulheres, como um exemplo de suas lutas por reconhecimento.

O Círculo Bluestocking, conforme Green (2014), foi um grupo que nasceu das atividades de amigas intelectualmente compatíveis que visava encorajar os esforços literários umas das outras, com a tentativa de elevar as mulheres para uma participação mais efetiva da república das letras. Essas mulheres, através de manifestos, reivindicações e romances, tentavam lutar contra as degradações morais e corporais que sofriam, e a favor de maior reconhecimento e igualdade, ainda que aceitassem o jugo da dominação religiosa que se travestia de desígnios divinos – já que apenas lá poderiam encontrar algum refúgio e esperança. Dentro desse círculo, Green (2014) destaca Sarah Scott, que teria, em 1762, escrito um romance²⁰ (*Millenium Hall*) que descrevia uma comunidade utópica de mulheres (casadas, viúvas e solteiras) que se acolhiam, se cuidavam e se educavam, de modo que sempre encontrassem um ambiente de proteção, principalmente quando eram abandonadas pelas suas famílias, ou quando não possuíam condições para se sustentarem²¹.

Outro membro desse grupo de senhoras que se apoiaram e se encorajaram é Mary Astell. Essa filósofa, em seu *A serious proposal to the ladies*, lembra a suas leitoras que “pelo desuso de nossas faculdades” parecem que foram convencidas de “tê-las perdido, se é que alguma vez as tivemos” (2017, p. 20). Não à toa, a maior preocupação da autora é com o estudo e o letramento, alertando as damas de que os escritores mais se importam com a reputação que seus pares têm para trocar entre si do que qualquer outra coisa.

Desse modo, Astell alerta as senhoras – de modo a cuidar delas e reconhecê-las intersubjetivamente – para que não se contaminem com a opinião dos homens segundo a qual elas permanecem na ignorância ou na loucura. Astell, portanto, insiste para que as damas se eduquem através da leitura de livros intelectuais, e pelo apego aos princípios da virtude para que encontrassem a liberdade, recordando-lhes que sempre que se sentissem sozinhas encontrariam refúgio no amor divino. O pior que poderia acontecer diante de uma “tentativa gloriosa” como a que propõe é que, se não fossem bem sucedidas, valeria a pena “termos tido

²⁰ Gênero que, em conformidade com o que apresentei até aqui, bastante desagradava os *gentlemen*.

²¹ Isso, segundo Green, ecoaria nas doutrinas de Christine de Pizan, que teria influenciado diretamente as criadoras e participantes do Bluestocking. Quanto às doutrinas da pré-renascentista que podem ter ecoado no XVIII, indica-se a leitura de Benevenuto (2021).

um projeto tão nobre” (2017, p. 18). E, em profunda demonstração de solidariedade, cuidado e reconhecimento dos sujeitos que, assim como ela, foram privados do merecimento à igualdade e submetidos à abusos, questiona: “Deverá uma mulher engenhosa ser considerada um prodígio, uma vez que tendes o poder de informar o mundo de que cada um de vós pode ser assim, se vos agradar?” (2017, p. 4), respondendo que qualquer singularidade deve ser evitada para que a liberdade geral das mulheres possa ser afirmada, afinal, ainda que “todas essas pequenas perseguições” possam causá-las “algum mal-estar durante algum tempo, [...] depois terminará na nossa Glória e Triunfo” (2017, p. 7).

Ora, embora o manual de Gregory fosse designado para a educação das mulheres – que, no fim das contas, em nada colabora para a luta por reconhecimento delas, mas apenas para a sua degradação –, as vozes silenciadas e destituídas de merecimento de igualdade tentaram se fazer ouvir, buscando encontrar igualdade, suporte e cuidado na intersubjetividade. Mary Wollstonecraft, inclusive, em sua *Vindication* lembra por quais razões os homens atribuem disposições ou naturezas tão *incoerentes* ao sexo feminino. Eles

têm sido conduzidos, provavelmente, ao olhar a educação sob uma luz falsa, sem considerá-la como o primeiro passo para formar um ser que avança de forma gradual até a perfeição, senão apenas como uma preparação para a vida. Sobre esse erro sensual, porque assim devo chamá-lo, tem sido erigido o falso sistema dos modos femininos, que despoja todo o sexo de sua dignidade e classifica sua beleza e opacidade como as flores sorridentes que apenas adornam a terra. Essa tem sido sempre a linguagem dos homens, e o medo de se apartar de um suposto caráter sexual tem feito até as mulheres com entendimento superior adotarem os mesmos sentimentos. Assim, o entendimento, estritamente falando, tem sido negado à mulher, e o instinto tem ocupado seu lugar (Wollstonecraft, 2016, p. 78).

Sendo assim, parece que, para retornar uma última vez a Hume, os títulos de mestres e tiranos sobre seus sexos podem ser bastante justificados por aquelas que foram escravizadas, degradadas, oprimidas e abusadas na era da iluminação sob o falso véu de “igualdade” ou “superioridade”.

Quanto a isso, Sarah Chapone justifica suficientemente bem, em 1735, por quais razões elas se sentiam assim. Ora, seus bens jamais estavam sob seus poderes, sempre passando do pai de uma senhora para o seu esposo; não possuíam direito à propriedade, nem sobre as próprias pessoas, de modo que frequentemente eram encarceradas em casa – a despeito de comentários como os de Kames²² (que são bastante representativos do XVIII) – em função do

²² Segundo o qual “Uma mulher não pode ter muita atração quando passa o tempo todo na solidão: para ser admirada, ela deve receber o polimento da sociedade” (2007, p. 282).

despotismo do governo doméstico masculino que, contrariamente à vanglória dos cavalheiros refinados da época, bastante se aproximava do encarceramento que afirmavam que os romanos cometiam contra elas. Além disso, seus filhos sofriam com o abandono paterno, isso quando não eram subjugados a um outro homem; e, mesmo o suposto estado de segurança promovido pelo casamento, decorria em abandono social e familiar quando tornavam-se viúvas. Para finalizar, como comenta Chapone:

todas as leis de honra e generosidade imploram pelo seu tratamento gentil; e será chamado de homem de honra um marido que trata sua esposa de maneira hermética sem motivo, senão porque ela está em seu poder[...]? Ela coloca toda a sua felicidade nas mãos dele, uma confiança para a qual o homem pode dar segurança suficiente. Ela tem, portanto, o direito à proteção dele em todas as dificuldades: em caso afirmativo, como a culpa do marido é agravada quando ele bate, confina ou mata suas esposas? (Chapone, 2020, § 32).

Se os elementos que trouxe até aqui não forem capaz de evidenciar: 1- a fragilidade da feminização dos costumes e da parca emancipação feminina na era das luzes britânicas; 2- a *incoerência*, a *hipocrisia* e a *degradação* dos cavalheiros das luzes britânicas em relação ao tratamento que forneciam às suas mulheres; 3- por quais razões seriam os verdadeiros tiranos, mestres, opressores e abusadores que escravizavam e confinavam o *fair sex*. Se, eu dizia, tais elementos que se escondem sob o véu de uma atenção generosa não são reconhecidos como suficientemente *incoerentes*, *hipócritas* e/ou *degradantes* segundo as descrições que fiz até aqui, não sei o que mais poderia elevá-los a essa condição.

REFERÊNCIAS:

ADDISON, J. **Spectator**. Volumes 1, 2 and 3. USA: Gutenberg, 2004.

ASTELL, M. **A serious proposal to the Ladies, for the advancement of their true and greatest interest** (In Two Parts). USA: Gutenberg, 2017.

BALIEIRO, M. Hume e as mulheres: inovações, limites e correções de percurso. **Encuentro internacional: Hume y lo femenino**. Colômbia, Brasil e Argentina, 2023.

BENEVENUTO, F. Christine de Pizan: razão e a educação das mulheres na Cidade das Damas. **Perspectiva Filosófica**. Brasil: v. 48, n. 2, pp. 43-68, 2021.

CAFÉ, A. Emulação nas artes e ciências, moral feminina, moral masculina. **Encuentro internacional: Hume y lo femenino**. Colômbia, Brasil e Argentina, 2023.

CHAPONE, S. **The hardships of the English laws in relation to wives with an explanation of the original curse of subjection passed upon the Woman.** Independently published, Amazon Kindle: 2020.

CHESTERFIELD, P. D. S. **Letters to his son.** USA: Gutenberg, 2014.

CHESTERFIELD, P. D. S. **Regras para bem viver.** Tradução de Marilise Bertin. São Paulo: Unesp, 2012.

CLERY, E. J. **The Feminization Debate in Eighteenth-Century England Literature, Commerce and Luxury.** Grã-Bretanha: Palgrave Macmillan, 2004.

DAVIDSON, J. **Hypocrisy and the politic of politeness.** New York: Cambridge University Press, 2004.

FERGUSON, A. **Ensaio sobre a história da sociedade civil.** Tradução de Pedro Paulo Pimenta e Eveline Campos Hauck. São Paulo: UNESP, 2019.

FOYSTER, E. Creating a veil of silence? Politeness and marital violence in the english household. **Transactions of the Royal Historical Society.** v. 12, pp. 395-415, 2002.

GREEN, K. **A history of women's political thought in Europe, 1700-1800.** Reino Unido: Cambridge University Press: 2014.

GREGORY, J. O legado de um pai para suas filhas. Tradução de Rodrigo Gonçalves, Mariana Santos e Marcos Balieiro. **Prometheus.** Sergipe: a. 14, n. 40, pp. 224-257, 2022.

GREGORY, J. **A comparative view of the state and faculties of man with those of the animal world.** USA: Oxford University, 2009.

GUIMARÃES, L. The Gallant and the Philosopher. **Hume Studies.** n. 1, pp. 127-147, 2004.

GUTIERRE, J. Prefácio à edição brasileira. *In*: CHESTERFIELD, P. D. S. **Regras para bem viver.** Tradução de Marilise Bertin. São Paulo: Unesp, 2012.

HOBBS, T. **Leviatã.** Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: editora Nova Cultural, 1997.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

HUME, D. **A arte de escrever ensaios e outros ensaios** (morais, políticos e literários). Tradução de Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008.

HUME, D. Um ensaio histórico sobre a cavalaria e a honra dos modernos. **Prometheus.** v 10, n. 23, 2017.

KAMES. **Sketches of the History of Man.** Indianapolis: Liberty Fund, 2007.

MANDEVILLE, B. **An Enquiry into the Origin of Honour and the Usefulness of Christianity in War**. London: Cass, 1971.

MANDEVILLE, B. **A Fábula das Abelhas**: ou vícios privados, benefícios públicos. Tradução de Bruno Costa Simões. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MANDEVILLE, B. **A Modest Defence of Public Stews**. Ex-classics Projects, 2019.

MORAN, M. C. Between the Savage and the Civil: Dr John Gregory's Natural History of Feminity. In: KNOTT, S.; TAYLOR, B. **Women, Gender and Enlightenment**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.

POLLOCK, L. A. Honor, Gender, and Reconciliation in Elite Culture, 1570–1700. **Journal of British Studies**. n 46, pp. 2-29, 2007.

SANTOS, M. D. P. Apresentação. In: GREGORY, J. O legado de um pai para suas filhas. Tradução de Rodrigo Gonçalves, Mariana Santos e Marcos Balieiro. **Prometheus**. Sergipe: a. 14, n. 40, pp. 224-257, 2022a.

SANTOS, M. D. P. Educação Moral e Poesia no Século XVIII Britânico. **Occursus**. n. 6, v.1, pp. 134-151, 2021a.

SANTOS, M. D. P. Hipocrisia ou polidez? Boas maneiras no iluminismo britânico. **Controvérsia**. v. 17, n. 3, pp. 96-122, 2021b.

SANTOS, M. D. P. **Honra, cavalaria e moralidade: um estudo sobre a polidez britânica à luz de Sir**. Falstaff (no prelo, ebook III Filosofia, Vida e Morte, 2023).

SANTOS, M. D. P. Vício, moral e polidez: a querela do luxo no século XVIII britânico. In: SANTOS, M. D. P. **A ficção gótica como crítica da modernidade**. Relatório (iniciação científica em filosofia) – Departamento de filosofia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, UFS, 2022b.

SCHMITTER, A. Passions, affections and sentiments. In: HARRIS, J. (ed.). **The Oxford Handbook of British Philosophy in the Eighteenth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

SEBASTIANI, S. **The Scottish Enlightenment: Race, Gender and the Limits of Progress**. Pelgraves Macmillan, 2013.

SHAFTESBURY, Anthony Ashley Cooper, Third Earl of. **Characteristicks of Men, Manners, Opinions, Times**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

SMITH, A. **Teoria dos Sentimentos Morais**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

STYLES, J. Custom or Consumption? Plebeian Fashion in Eighteenth-Century. In: BERG, M. e EGER, E. **Luxury in the Eighteenth Century**. Grã-Bretanha: Palgrave Macmillan, 2003.

TAYLOR, B. Feminists versus Gallants: Sexual Manners and Morals in Enlightenment Britain. In: KNOTT, S.; TAYLOR, B. **Women, Gender and Enlightenment**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

TRUSLER, J. **Principles of politeness, and of knowing the world**. USA: Gutenberg, 2019.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos Direitos da mulher**. Tradução de Ivania Pocinho Motta. São Paulo: Boitempo, 2016.